

## CRÔNICAS DISSERTATIVAS.

O “desencapsulamento” da Universidade a partir de eventos extensionistas.

Rose Mary Ferreira Pereira Gomes<sup>1</sup>

Isnaldo Isac Barbosa<sup>2</sup>

Natércia de Andrade Lopes Neta<sup>3</sup>

**Palavras-chave:** Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Curricularização da Extensão. Sinpete.

**Maceió, 15 de novembro de 2022 .**

Em 2015, os “Objetivos de Desenvolvimento do Milênio” (ODM) deram lugar aos “Objetivos de Desenvolvimento Sustentável” (ODS) quando, na Assembleia das Nações Unidas, 193 Estados signatários da ONU adotaram o compromisso de fazer do mundo um lugar mais justo para viver.

Desta Assembleia surge a denominada “Agenda 2030” que visa acabar com a pobreza, cuidar do meio ambiente e fortalecer a paz universal. Dentre os 17 objetivos, encontra-se o de número 4, que busca “assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos”. Enquanto membros da Universidade, entendemos que a Educação de qualidade só acontece quando a Educação Superior consegue conversar com a Educação Básica e quando as comunidades escolares e acadêmicas se unem em prol desta relação dialógica.

Foi seguindo esse raciocínio que nasceu o Simpósio de Pesquisa e Tecnologia na Educação Básica (Sinpete), evento que trouxe para o debate o papel da universidade enquanto instituição promotora do conhecimento científico e que teve como escopo os ODS da Agenda 2030 da ONU. O Sinpete se configura, então, como uma proposta que nasce em uma Universidade pública federal e se concretiza com as escolas públicas de três municípios alagoanos que imergem, durante três dias, num espaço da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). E, para nossa surpresa, são locais ( a Universidade), em sua maioria, que não haviam

---

<sup>1</sup> Mestra em Educação Multimídia, Ufal, [sinpeteufal@prograd.ufal.br](mailto:sinpeteufal@prograd.ufal.br)

<sup>2</sup> Doutor em Matemática, Ufal, [isnaldo@pos.mat.ufal.br](mailto:isnaldo@pos.mat.ufal.br)

<sup>3</sup> Doutora em Educação, Ueneal, [natercia.lobes@uneal.edu.br](mailto:natercia.lobes@uneal.edu.br)

---

sido visitados pelos estudantes e alguns docentes até aquele momento (do evento).

Durante o Simpósio, as Escolas foram convidadas a apresentarem as pesquisas e práticas realizadas em seus municípios. Pudemos perceber que várias produções dos docentes destas instituições escolares objetivam solucionar problemas como a falta de água, o aquecimento (calor) das salas que não são climatizadas (se situam no sertão alagoano) e uso racional do solo.

Cabe ressaltar que essas soluções, todavia, foram pensadas de forma dissociada das discussões que se estabelecem dentro das Universidades, ou seja, a comunidade escolar se mostrou autônoma nesta busca para resolver problemas sociais. Isso nos fez refletir, passados 8 anos da assinatura da Agenda 2030, o quão distantes estamos de um ensino colaborativo que consiga dialogar e aprender com as Escolas, e não apenas utilizá-las como laboratórios sem dar um retorno, por exemplo, dos variados resultados das pesquisas nestes lugares.

Dessa monta, alguns questionamentos surgem e urgem ao nos depararmos com a fonte e a sede: O que é produzido nas Universidades está chegando às Escolas? Está impactando na formação continuada? A formação inicial docente está próxima da realidade de quem está no chão da sala de aula? Será que enquanto Universidade, estamos apenas vendendo a solução para o caos que ajudamos a causar?

Com a Curricularização da Extensão, as Universidades se veem obrigadas a abrirem suas portas à comunidade, a se desencapsularem para fazer o que pede o objetivo da ODS nº 4. A interação dialógica e a indissociabilidade entre o tripé acadêmico é um dos caminhos para isso e vemos impacto positivo na formação do futuro professor e na transformação social. Mas, será que vamos implementar essa extensão ou vamos buscar meios de burlar nossas idas às Escolas, principalmente, aquelas que mais necessitam e que estão nos rincões das cidades?

As universidades precisam parar de se colocarem no papel de detentora única do conhecimento científico e dar importância ao conhecimento popular. Em outras palavras, precisamos ouvir mais e falar menos porque de nada adianta as teorias que tentam nortear para uma Educação de qualidade quando apenas focam em aspectos técnicos, que não têm sentido para quem está na sala de aula.

Eventos que favoreçam essa integração Escola-Universidade precisam estar nos calendários de toda Instituição de Ensino Superior e a relação normalmente construída dentro dos muros acadêmicos precisa conversar com o cotidiano escolar. Essa distância entre teoria e prática preocupa quem está tanto na formação inicial quanto na formação continuada. E cabe

à Universidade, como bem pontua Ludke e Boing (2012), resolver esse entrave com ações que aproximem o futuro professor da educação básica ao contexto escolar e o professor que já está atuando nas Escolas, principalmente, nas escolas públicas, das descobertas realizadas dentro do contexto socioeconômico e tecnológico dos atores escolares.

### **Referências**

BRASIL. **Resolução CNE/CES 7/2018**. Diário Oficial da União, Brasília, 19 de dezembro de 2018, Seção 1, p. 49 e 50.

LÜDKE, M.; BOING, L. A. **Do trabalho à formação de professores**. Cadernos de Pesquisa, n. 42, v. 146, p. 428-451, 2012.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Transformando nosso mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. 2015. [acessado 2022, nov, 03]. Disponível em: < <https://brasil.un.org/> >